

A DISTINÇÃO ENTRE AS FALAS MASCULINA E FEMININA EM ALGUMAS
LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ*

Rodriana Dias Coelho Costa¹

Christiane Cunha de Oliveira²

Faculdade de Letras/UFG

rodrianacosta@gmail.com

christiane.de.oliveira@hotmail.com

Palavras-chave: Línguas Jê; falas masculina e feminina; léxico.

* Revisado pela orientadora.

¹ PIVIC 2010-11. Acadêmica do curso de Letras (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás.

² Doutora em Linguística pela University of Oregon (EUA). Docente dos cursos de Letras e Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

1. INTRODUÇÃO

As línguas apresentam variações, de um modo geral. Uma característica observada em certas línguas é o uso de vocábulos diferentes por falantes de sexo feminino e de sexo masculino. Essa distinção ocorre em quase todas as línguas, em maior ou menor grau. Na língua portuguesa, esse fenômeno aparece de maneira bastante restrita, sendo que a fala masculina se diferencia da feminina em nível semântico e morfológico, como, por exemplo, no uso de diminutivos por parte de falantes mulheres. Não se trata de uma obrigatoriedade, mas de uma convenção cultural.

Já em algumas línguas indígenas da América do Sul, esse fenômeno se manifesta de maneira mais sistemática e produtiva, como é o caso da língua Karajá, pertencente ao tronco Macro-Jê. O Karajá possui um léxico amplo, que inclui um par de vocábulos para um mesmo referente. A escolha pelo uso de cada vocábulo é determinada pelo gênero/sexo do falante. Os vocábulos são fonologicamente relacionados, de modo que, na fala masculina, há a omissão de certos segmentos consonantais observados na versão utilizada pelas falantes de sexo feminino (BORGES, 1997; 1999/2000).

2. OBJETIVOS

O tema central desta pesquisa é a investigação de como se dão as distinções lexicais entre as falas masculina e feminina em línguas da família Jê, também pertencente ao tronco Macro-Jê. Observaremos que, nas línguas Jê, o fenômeno se apresenta de maneira mais restrita que na língua Karajá, embora de maneira menos restrita que no português.

As distinções apresentadas entre as falas masculina e feminina nessas e em outras línguas indígenas ocorrem de forma relativamente sistematizada. Essas distinções podem aparecer nos níveis fonético-fonológico, morfológico, lexical e semântico.

Neste trabalho, levantamos os padrões de ocorrência observáveis nos dados das línguas Xerente, Xavante, Gavião e Kayapó (pertencentes à família Jê). A pesquisa revelou ocorrências significativas, no uso de formas alternantes nessas línguas, especialmente entre os morfemas adverbiais e marcadores discursivos.

A fim de se alcançar uma visão panorâmica sobre o fenômeno em línguas da família Jê, bem como dessa ocorrência no contexto do tronco Macro-Jê, tomou-se o Karajá (família Karajá) como ponto de partida para a comparação entre os sistemas lexicais das duas famílias.

3. METODOLOGIA

Por meio de dados bibliográficos, foram selecionadas algumas ocorrências do fenômeno de distinção entre as falas masculina e feminina nas línguas da família Jê. Foi utilizado, como apoio à pesquisa, o site virtual www.etnolinguistica.org, que possui um vasto banco de dados bibliográficos de diversas línguas sul-americanas. Contamos também com a observação de falantes da língua Gavião Pykopjê durante as atividades de sala de aula, da Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás. Através dessas observações, na condição de monitora intercultural, pude perceber alguns dados significativos a partir da conversa dos alunos em contextos de comunicação em sala de aula.

4. RESULTADOS

As línguas da família Jê compartilham certas propriedades que se distinguem do que foi observado no Karajá. Ao realizarmos uma comparação dos dados coletados, encontramos um fator recorrente nas línguas da família Jê, indicativo da distinção entre as falas. Há, na fala masculina, uma supressão nos vocábulos de maneira que, na forma feminina, há um acréscimo de elementos fonéticos, em comparação com as formas masculinas correspondentes, como mostram os exemplos abaixo.

Os dados do Xavante (Jê central) apresentados a seguir vêm de Lachnitt (1988). Destaca-se aqui a diferença formal entre os morfemas interrogativos e entre os advérbios de negação. As ocorrências encontradas na língua Xavante, apresentam expressões negativas e indefinidas.

Xavante

fala feminina	fala masculina	
tiha	mar	‘que, o que, a coisa qualquer’
tiha	niha	‘como algo’
madze di	mare di	‘não tem, nada?’
e tiha	e mar	‘o que?’
e tiha	e niha	‘como?’

Sousa Filho (2007) afirma que não há gênero gramatical em Xerente. A ocorrência de distinção de sexo é expressa pela denominação “macho” e “fêmea” para os nomes em geral. No entanto, alguns vocábulos exibem alternância condicionada pelo uso por parte de falantes

homens e falantes mulheres, a saber, os morfemas interrogativo e exclamativo. Há uma alternância de fonemas que marca a distinção entre as falas feminina e masculina.

Xerente

fala feminina	fala masculina	
aze	are	‘vamos!’
taha	mərẽ	‘o que?’

Já na língua Gavião Pyhkopjê, o fenômeno se manifesta mais claramente no nível fonético. Há uma supressão de fonema na fala feminina com relação à fala masculina, entre as expressões negativa e de advertência.

Gavião

fala feminina	fala masculina	
py hop	hop	‘não’
pỳ	pix	‘que nada’
ajcô	cô	‘cuidado’
hyhy	hyh	‘isso mesmo’

Para a língua Kayapó (Salanova, 2001), observou-se que a distinção se manifesta no léxico, e não através de propriedades fonéticas.

Kayapó

fala feminina	fala masculina	
anu	aj	‘bem’
oka	nλ	‘sim’
to	apa	‘vamos’
anu	ton	‘partícula de ênfase’

5. DISCUSSÃO

Pôde-se observar, através da análise, que as línguas da família Jê apresentam o fenômeno estudado de maneira mais restrita que o Karajá. Essas línguas compartilham

aspectos peculiares, como as classes lexicais utilizadas na expressão dessa distinção. Aqui, as categorias lexicais envolvidas são principalmente palavras de função discursivo-pragmática; enquanto que no Karajá o fenômeno se dá de maneira produtiva entre palavras de conteúdo lexical.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno analisado nas línguas da família Jê apresentadas acima indica uma sistematização em que todas as ocorrências compartilham de propriedades similares, que são pertinentes a línguas da família Jê. Nas línguas analisadas, a distinção entre as falas aparecem num mesmo contexto, em que aparecem como expressões comunicativas de advertência, negação, afirmação e interrogação. Entre as palavras de conteúdo lexical não foi constatada nenhuma ocorrência desse fenômeno, no sentido de não havermos encontrado nenhuma ocorrência em que os nomes manifestassem essa variação.

Comparando o sistema da língua Karajá com o das línguas Jê analisadas, constata-se que no Karajá as distinções se manifestam no nível fonológico, entre os nomes, que é uma classe de palavras aberta. Como consequência, essas marcas distintivas se estendem pelo léxico da língua de maneira plenamente produtiva. Nas línguas Jê, por outro lado, a distinção opera de maneira mais restrita, geralmente aplicando-se a um grupo fechado de palavras.

7. REFERÊNCIAS

- BORGES, M.V. *As falas feminina e masculina no Karajá*. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.
- BORGES, M.V. “O fenômeno da diferenciação entre as falas feminina e masculina em línguas indígenas”. *Revista do Museu Antropológico* v. 3/4, n.1. P.75-103. Goiânia: Universidade Federal de Goiás Jan./dez. 1999/2000.
- RODRIGUES, A.D. (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.
- SALANOVA, A.P. *A nasalidade em Mebengokrê e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação de mestrado em Letras e Linguística, Unicamp. 2001.
- SOUSA FILHO, S.M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente*. Tese de doutorado em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 2007.